



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

POR SAUSSURE E BAKHTIN: CONCEPÇÕES SOBRE LÍNGUA/LINGUAGEM *

Wilza Karla Leão de Macedo (UESC)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar concepções básicas sobre língua/linguagem. Para tanto, serão apresentados construtos saussurianos no que tange à língua enquanto sistema de signos, bem como ideias bakhtinianas que visam a língua como uma atividade social. A fim de apresentar avanços acerca desse estudo, serão estabelecidos contrapontos entre os autores supracitados. Pautar-se-ão contribuições do estudo de gêneros discursivos para o ensino de língua, tendo em vista o viés da interação, da dialética. Por fim, buscar-se-á defender a tese, consoante autores como Marcuschi (2008), Faraco (2009), que o estudo de língua (gem) considerando os gêneros direciona uma organização das atividades humanas, das experiências com o funcionamento da linguagem.

Palavras – chave: Língua. Linguagem. Gêneros do discurso. Saussure. Bakhtin.

Introdução

O objetivo deste trabalho consiste em apresentar concepções básicas sobre língua/linguagem, postuladas por Saussure e Bakhtin. Para tanto, será feita uma explanação lacônica do que Saussure preconizou em relação a seu objeto de estudo: a língua, considerada como um sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica, sendo estes constituintes interdependentes.

Outrossim, serão apresentados avanços que emergiram a partir dos postulados saussureanos. Nessa vertente, Bakhtin é exposto como autor contemporâneo de Saussure, que divergiu da ideia de língua enquanto sistema estável, desvinculado de valores ideológicos. Sua concepção de língua abarca a instância da interação, da dialética; é apresentada como atividade social. Nesse sentido, Bakhtin divulga uma possível mudança de paradigma que, mais à frente do seu tempo, é aceita como proposta

* Trabalho final de curso da disciplina de Fundamentos Teóricos de ideias Linguísticas, ministrada pela profa. Gessilene Silveira Kanthack, no Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz

para tornar o ensino de língua uma ação articulada, contextualizada, plurivalente. Antecipando a linguística moderna, Bakhtin desenvolve estudos sobre gêneros do discurso, considerando esses como materializações do diálogo cotidiano.

Logo, essa apresentação se justifica uma vez que pode contribuir para o desenvolvimento do estudo acerca da língua/linguagem, para a percepção de avanços ocorridos no curso dos estudos linguísticos posteriores aos postulados saussurianos. Sua importância também se dá considerando que refletir sobre gêneros do discurso é pensar como o ensino de língua pode itinerar pelo viés multidisciplinar; seria uma forma de inserção e tomada de posicionamentos frente às circunstâncias socioeducacionais que prezam as experiências com a linguagem.

1 Saussure: concepções básicas sobre língua (gem)

É comum dizer que a linguística estrutural começa em 1916, na Europa, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure. As ideias póstumas de Saussure são consideradas como um divisor de águas no estudo científico da linguagem; ao considerar a língua como sistema bem organizado, Saussure contribui, relevantemente, para o desenvolvimento da análise linguística.

Segundo Saussure (2006), o estudo da linguagem comporta duas partes: uma tem por objeto a língua (*langue*) e outra, a fala (*parole*); assim, a primeira seria social em sua essência, em contrapartida à segunda que se apresenta como parte individual da linguagem.

A partir desses postulados Saussure elege seu objeto de estudo: a língua, considerada como um sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica. Sentido enquanto conceito, ideia, significado; imagem acústica pensada como impressão psíquica, não como um som materializado, seria o significante. Assim sendo, Saussure demarca que esse dois elementos constituintes do signo “estão intimamente unidos e um reclama do outro” (SAUSSURE, 2006, p. 80). Ou seja, são interdependentes, pois a existência de um compromete a existência do outro.

Para o autor, “o laço que une o significante e o significado é arbitrário” (SAUSSURE, 2006, p.81). Essa arbitrariedade do signo linguístico é resultante da não relação necessária entre a ideia (significado) e a sequência de sons (significante). Em outras palavras, Saussure argumenta sua tese a partir das diferenças entre as línguas, da possibilidade de um significado ser representado por vários significantes.

Desse modo, o pensamento saussuriano, no que tange à teoria do signo linguístico, gerou ressonância a novos estudos e teorias. Outrossim, a vitalidade do pensamento desse estudioso parece renascer à medida que se multiplicam as pesquisas e trabalhos de interpretação.

2 Avanços nos estudos acerca da língua (gem)

O estudo da língua como sistema de signos, formados por significado e significante, suscita um “terreno fértil” de críticas, avanços e contribuições para os estudos de linguagem.

Na perspectiva do objetivismo abstrato, representado principalmente pela obra de Saussure, a fala não é objeto da Linguística. Saussure prioriza estudar os elementos constituídos pelas formas normativas da língua, supondo ser esta um produto registrado passivamente pelo sujeito. Dessa forma, o caráter normativo e estável prevalece sobre o caráter mutável da língua - vista como produto acabado, transmitido através das gerações. Nesta corrente, o que interessa não é a relação do signo com a realidade por

ele transmitida ou com o indivíduo, todavia engendra a relação do signo para o signo no interior de um sistema; logo, o signo é considerado independentemente das relações ideológicas que a ele se ligam (JOBIM E SOUZA, 1994).

Benveniste (apud Carvalho, 2004, p.35) expõe que algumas estruturas centrais em qualquer língua deixam de fazer sentido se a língua for descrita sem referência à fala e aos papéis que os falantes assumem na interlocução:

El nexu que une ambos (ste e sto) no es arbitrario; es necesario. El concepto [“significado”] “buey” es por fuerza idéntico en mi conciencia al conjunto fónico [“significante”] bwéi. Cómo iba ser de otra manera? Uno y outro, juntos, se han impreso em mi mente, y juntos se evocam em toda circunstancia.

As colocações do autor propõem uma revisão do paradigma estruturalista, embora tenha trabalhado no sentido de aperfeiçoar e divulgar o programa saussuriano. À frente de seu tempo, Benveniste se interessa por problemas de filosofia da linguagem, buscando mostrar que a fala está representada e prevista no sistema da língua (MUSSALIM, 2007, p. 81). Mussalim assinala também que na vertente da “análise do discurso” os estudos acerca da língua avançaram considerando as colocações de Michel Pêcheux. Para este, a linguística saussuriana ao retirar-se do campo da *parole* estaria transformando todos os fenômenos textuais e semânticos numa espécie de “terra de ninguém”.

Em busca de compreender Saussure, Carvalho (2004) menciona que os críticos do meste de Genebra demonstram não terem apreendido a profundidade e coerência do pensamento saussuriano. Para Saussure a arbitrariedade do signo repousa “no fato de que o falante não pode mudar aquilo que o seu grupo linguístico já consagrou”. Carvalho se posiciona dessa forma, divergindo da crítica proferida por Emile Benveniste (apud CARVALHO, 2004, p.35).

A partir dos postulados de Saussure as concepções sobre língua(gem) alcançam ressonâncias teóricas, ora complementares, ora divergentes. Importante é perceber o construto dialógico estabelecido entre correntes teóricas sobre o que vem a ser linguagem e o lugar que ela deve ocupar no âmbito das ciências humanas.

3 Bakhtin: seu olhar sobre linguagem

Bakhtin, contemporâneo de Saussure, antecipa a linguística moderna. Concorde com Saussure que a língua é um fato social fundada na necessidade de comunicação, porém, contrapondo-se a esse, critica a concepção de língua enquanto *sistema de regras*. Acredita que todas as esferas da atividade humana, em suas variadas formas, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Assim, para Bakhtin (1997b, p. 124), a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, tampouco no psiquismo individual dos falantes. Logo, para o autor, a substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada através das enunciações.

Bakhtin contrapõe a Saussure e ao estruturalismo que emergia embasado em seus postulados, por não concordar com a ideia de língua enquanto sistema estável, sincrônico, homogêneo; caracterizado por um estudo linguístico com leis específicas que acoplam o signo da língua no interior de um sistema fechado, desvinculado de valores ideológicos. A língua é apresentada por Bakhtin não como objeto abstrato, todavia como atividade social, fundada nas necessidades de comunicação, assim, a natureza da língua seria essencialmente dialógica.

De acordo com Brandão (1995, p.09), Bakhtin privilegia a enunciação enquanto realidade da linguagem: “A matéria linguística é apenas uma parte do enunciado; existe também uma outra parte, não – verbal, que corresponde ao contexto da comunicação”. Trata-se de uma visão de linguagem como interação social, sendo que o outro desempenha papel fundamental na constituição do significado. A idéia bakhtiniana é integrar o ato de enunciação individual num contexto mais amplo, a fim de revelar relações intrínsecas entre o linguístico e o social; haja vista que limitar-se ao estudo interno da língua não seria tarefa de um linguista que intenta dar conta do seu objeto.

Brandão ainda assinala que para Bakhtin a linguagem é plurivalência, no sentido de que ela é o lugar de manifestação ideológica; logo, a palavra é o signo ideológico por excelência, produto de interação, por isso retrata as diferentes formas de significar a realidade. Dialógica por natureza, “a palavra se transforma em acessa luta de vozes” (p.09). Consequentemente, a linguagem não pode ser compreendida como entidade abstrada.

Segundo Faraco (2009, p.104), a presença constitutiva da linguagem é marca característica dos textos bakhtinianos posteriores a 1926. Esta aparece como atividade e não como sistema, e o enunciado como ato singular, irrepetível, situado concretamente. Reconhecendo que a questão “linguagem” se centralizava nos debates de intelectuais, Bakhtin expõe a possibilidade de haver duas disciplinas distintas para o estudo da linguagem verbal: a linguística - para estudo gramatical - e a translingüística ou metalingüística - para estudo das práticas sócio-verbais concretas, das relações dialógicas. Grosso modo, esse estudioso demonstra que o objeto de seu interesse seria a língua em sua totalidade concreta e viva.

É possível perceber que Bakhtin dialoga positivamente com a linguística. Em outros termos, ele não põe a linguística em questão, considera as abstrações operadas como legítimas, justificáveis; todavia, em suas reflexões, percebe a insuficiência da linguística para o estudo da comunicação verbal. Partindo disso, esse estudioso apresenta seus construtos sobre língua (gem) embasado no princípio dialógico.

3.1 Bakhtin e a teoria dos gêneros do discurso: contribuições

Conforme Bakhtin, a língua não existe por si mesma, em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta ela se consolida; através da enunciação, a língua mantém contato com a comunicação tornado-se realidade. São as condições sociais de cada época que determinam as condições de comunicação verbal, suas formas e métodos. Logo, a língua é um legado histórico – cultural da humanidade. Segundo Bakhtin (1997b, p. 279): “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos* relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.”

Os gêneros do discurso são a materialização do diálogo cotidiano; portanto, sua variedade é infinita. Cada esfera da atividade humana comporta um repertório de gêneros, daí sua heterogeneidade. Tendo em vista isso, percebe-se a importância do estudo de gêneros do discurso para todas as áreas da lingüística. Bakhtin (1997a, p.282) confirma essa importância ao dizer que “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”.

Para Bakhtin (1997a, p. 283), o enunciado pode refletir a individualidade de quem fala, porém nem todos os gêneros são aptos a refletir a individualidade na língua do enunciado; assim, a variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos

estratos e aspectos da personalidade individual. Para o autor, os enunciados, e os gêneros do discurso a que pertencem, são as correias de transmissão que levam a história à sociedade; assinala que a história da língua escrita é marcada tanto pelos gêneros secundários (literários, científicos, ideológicos), como pelos primários (diálogo oral: linguagem familiar, cotidiana, filosófica, dos círculos, etc.).

Faraco (2009, p. 122) pontua que, em tempos hodiernos, no Brasil, há um uso inflacionado da expressão gêneros do discurso, tendo como referência o legado bakhtiniano. Segundo o autor, possivelmente, Platão foi o primeiro a falar de gêneros ao dividir o livro III da *República* em três modalidades: a lírica, a épica e a dramática. Também dois trabalhos de Aristóteles foram referências durante séculos na discussão dos gêneros. Entretanto, a principal referência para esse estudo são os escritos de Bakhtin, especificamente, o texto *O problema dos gêneros do discurso* (provavelmente escrito em 1952/1953).

O discurso bakhtiniano apresenta caminhos para um estudo da linguagem como atividade sociointeracional; aponta algumas características da unidade deste estudo (o enunciado), contrastando com a unidade tradicional dos estudos lingüísticos (a sentença). Os gêneros são enfocados pelo viés dinâmico da produção, um vínculo orgânico entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Assim, em outros termos, Bakhtin percebe que o que se diz está relacionado ao tipo de atividade que os falantes estão envolvidos. Logo, faz-se necessário estudar os tipos de dizer, ou seja, os gêneros do discurso que emergem, se estabilizam e evoluem no interior das atividades humanas.

A fim de aplicar a teoria bakhtiniana, a qual define gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, intelectuais, educadores, tornam o estudo de gêneros um empreendimento multidisciplinar. É comum perceber nas escolas de ensino fundamental e médio um ensino a partir de gêneros. Atualmente, as políticas educacionais se articulam no propósito de preparar os professores para o ensino dinamizado, contextualizado. Para tanto, se debruçam nos trabalhos de autores que abordam os gêneros do discurso (ou textual) como proposta de ensino da língua, tentando comprovar que um estudo a partir de gêneros engloba uma análise do texto, do discurso, uma descrição da língua, uma visão de sociedade; uma vez que lidar com gêneros condiz com o trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. Enfim, o estudo a partir de gêneros mostra o funcionamento da sociedade.

Marcuschi (2008) pontua que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Para este autor, toda atividade discursiva se dá em alguns gêneros, isso comprova sua imensa pluralidade e seu caráter sócio-histórico; ressalta também a essencialidade dos gêneros à interlocução humana.

A título ilustrativo, Marcuschi toma a atividade discursiva na academia. Mostra que os gêneros produzidos cientificamente dão legitimidade ao nosso discurso; os ensaios, as teses, artigos, resumos, conferências, enfim, são gêneros de grande prestígio, haja vista que podem determinar uma forma de fazer ciência, divergindo o que é científico do que não é. Todavia, o autor assinala que os gêneros textuais não criam relações deterministas, nem perpetuam relações; eles apenas se manifestam em certas condições de suas realizações. Em outros termos, os gêneros textuais pertencem a uma máquina sociodiscursiva; logo, nossa inserção social e nosso poder social, em parte, dependem de como dominamos e manipulamos os gêneros do discurso.

Por fim, cabe ressaltar que o estudo sobre gêneros do discurso direcionou uma organização das experiências com a linguagem, regulamentando a ação de um *eu* que usa a linguagem para um *outro*. Destarte, aplicar o legado bakhtiniano tornou o ensino

de língua uma atividade interativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de diversas ordens no contexto social.

Considerações finais

Apresentar concepções básicas sobre língua/linguagem a partir do postulado por Saussure e Bakhtin não exaure nas laudas dessa comunicação. O legado desses autores torna-se o fulcro para novos estudos, pensamentos, teorias, margeando um (re)pensar dos construtos linguísticos. Essa proposta investigativa não se finda; todavia, faz-se contínua por considerar o movimento espiralado e progressivo dos estudos sobre/de linguagem.

Ainda assim, num sentido pouco conclusivo, cabe ressaltar que buscar uma interface entre Saussure e Bakhtin quanto a aspectos do estudo sobre língua/linguagem tornou-se um trabalho relevante. Considera-se que este venha contribuir para outras análises e desenvolvimento de temáticas que abarcam tal estudo como atividade discursiva e de inserção social.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 4 ed. Campinas: UNICAMP, 1995.
- CARVALHO, C. de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- FARACO, C. A.. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vigotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- MARCUSCHI, L. A.. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.